

Estudantes e não telespectadores

Alto índice de evasão e baixa taxa de aprovação de alunos reproofa ensino à distância e programas educativos da TV

Marina Oliveira
Da equipe do Correio

Aos doze anos, o ferramenteiro Mauro Barroco largou os estudos para ajudar os pais a tomarem conta do sítio onde moravam como caseiros. A escola era longe. No início, ele ia a pé. Depois, foi cansando, perdendo o interesse, até largar os estudos na 4ª série do 1º grau.

Filho mais velho, Mauro entrou de cabeça no trabalho depois de abandonar a escola. Depois de vinte e sete anos sem pegar em um livro e longe de uma sala de aula, Mauro resolveu ir à luta por seu diploma de 1º grau. Uma decisão difícil.

"A decisão demorou porque tinha muito medo de fracassar e passar a maior vergonha", recorda. Ferramenteiro numa empresa de médio porte da cidade de Leme, interior de São Paulo, juntou-se a outros 32 funcionários para acompanhar as aulas do Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho, em uma tele-sala cedida pela empresa. A mesma rotina é vivida por 14 funcionários da transportadora Botafogo, em Brasília.

A mulher de Mauro não aprovou a idéia do marido sair de casa toda noite. A adaptação à nova rotina também não foi fácil. Mauro trabalhava o dia inteiro, ia para casa jantar e depois voltava pa-

ra as duas horas de aula, cansado. E, no começo, custava a aprender alguma coisa. Cinco colegas de Mauro não resistiram à ameaça de fracasso e os conflitos em casa e desistiram. Outros três abandonaram as aulas por não conseguir passar nas provas, apesar dos esforços, e sentiam vergonha disso.

VERGONHA

Mauro também foi reprovado na prova de Matemática. Era matéria demais para um teste só e ficava difícil guardar tudo. Depois de dois anos e meio de estudo e muita aula de reforço com a professora para tirar dúvidas, Mauro terminou o 1º grau. A trajetória do ferramenteiro do interior de São Paulo, comum a tantos brasileiros "excluídos", mostra uma filosofia de educação em xeque.

No início de 1995, o governo paulista firmou convênio com a

Federação das Indústrias do Estado (Fiesp). Foram montadas 100 tele-salas em escolas da rede pública para alunos matriculados nos supletivos de 1º e 2º grau estudarem pelo Telecurso 2000.

Em junho último, a fundação Carlos Chagas preparou uma série de provas especialmente para esses alunos, e os resultados foram um desastre. Dos 6 mil estudantes que participaram das aulas, somente 3.000 (50%) apareceram para o exame. E entre os que fizeram o teste a reprovação foi altíssima: 33% em Português e 46,5% em História para os alunos do 1º grau.

Os números ganham dimensão maior quando se considera que os tele-alunos paulistas que fizeram as provas contaram com o acompanhamento de professores formados. Em sua maioria, os que acompanham as aulas do telecurso estudam sozinhos ou, no caso de funcionários de empresas, como Mauro, recebem orientação de um instrutor que não precisa obrigatoriamente ter habilitação de professor. Os programas oferecem o produto final

pronto e mastigado para o aluno, que estuda por conta própria o conteúdo.

CETICISMO

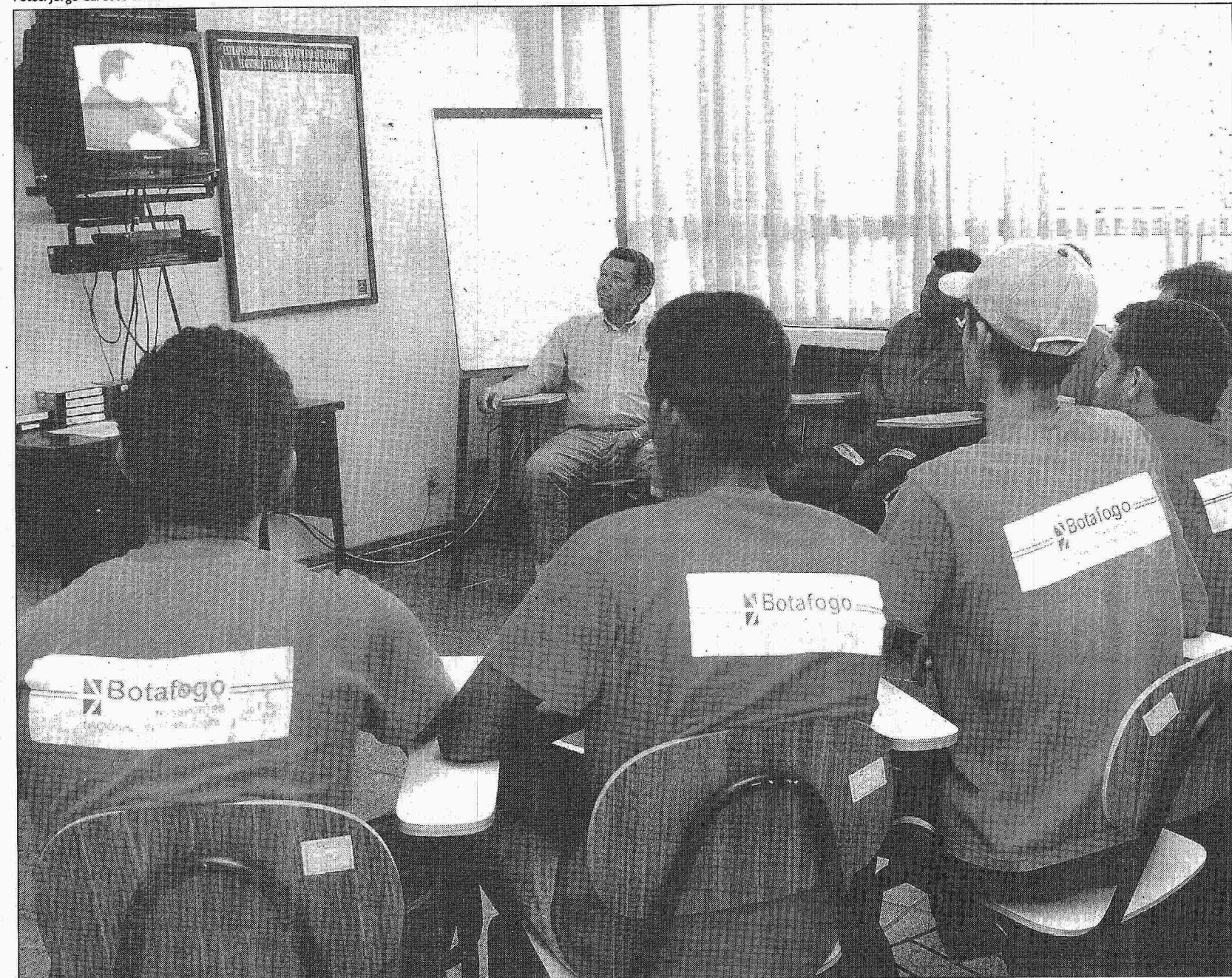
Os educadores, céticos com a tele-aprendizagem, argumentam que o processo de compreensão não ocorre em uma só direção (a televisão informando e o aluno aprenden-

do). "Não se pode subestimar a importância da interação na educação", ensina Maria Clara Di Pierro, especialista em educação de jovens e adultos da Ação Educativa de São Paulo.

Os conhecimentos anteriores também seriam um aspecto importante a ser considerado para se medir a eficácia do ensino à distância. "Alguém que não estuda há muito tempo dificilmente conseguirá aprender sozinho com o material didático, independente de sua qualidade ou forma (livro, vídeo, fita ou CD-ROM)", explica. O telecurso exige uma carga extra de aplicação aos tele-alunos..

Maria Clara faz, porém, uma auto-crítica. "Os estudiosos concentram-se de maneira geral em produzir material educativo de qualidade, sem se preocupar muito em averiguar o aproveitamento dos alunos", admite.

Fotos: Jorge Cardoso 18.97



Em Brasília, 14 empregados da transportadora Botafogo trocarão as aulas diárias às 7h da manhã por aulas no sábado, com professor para tirar as dúvidas

"A DECISÃO DE VOLTAR A ESTUDAR, ACOMPANHANDO A TV, DEMOROU PORQUE TINHA MUITO MEDO DE FRACASSAR E PASSAR A MAIOR VERGONHA"

Mauro Barroco,
ferramenteiro